

Turismo Situado no Campo de Santana, Rio de Janeiro, RJ

Marisa EGREJAS¹
Roberto BARTHOLO²

Resumo: Neste artigo discutem-se algumas abordagens teóricas que tomam o termo Roteiro como objeto de estudo a partir de destacados autores nacionais e internacionais. Tecem-se considerações acerca da importância da participação do habitante local na construção de roteiros de visitação. Apresenta-se uma experiência de constru o de roteiros que toma por base o diálogo entre técnicos e institui es locais, fornecendo as bases teóricas que sustentam a metodologia de roteiriza o. O projeto Janelas Abertas para a República está sendo desenvolvido no Campo de Santana e arredores, no Centro do Rio de Janeiro, RJ, apresentando alguns resultados que corroboram as escolhas metodológicas.

Palavras-chave: roteiriza o dialogal; roteiro; participa o; diálogo; Campo de Santana.

1 Introdu o

Em 2014, o Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social (COPPE/UFRJ) recebeu apoio da FAPERJ para a realiza o de um projeto que, pela terceira vez, submete uma metodologia de cria o de roteiros de visita o   investiga o.

O projeto adquiriu o nome fantasia de *Janelas Abertas para a República*, e, neste momento está em andamento, tendo prazo de encerramento previsto para dezembro de 2016. Entretanto, como será visto, já apresenta resultados parciais que merecem ser observados mais detidamente.

Nas outras duas oportunidades em que a metodologia foi utilizada, havia obtido resultados satisfatórios. Entretanto, tratava-se de sítios cujas condi es e complexidades diferiam bastante entre si e dessa terceira oportunidade. Logo, caberia, novamente, investigar de seus processos e resultados.

Os elos entre os três projetos são a parceria com a Diretoria do Patrim nio Histórico e Cultural do Exército (DPHCEX), o apoio de Editais da FAPERJ (Prioridade Rio 2010, Pensa

¹ Doutora em Engenharia de Produ o (UFRJ/COPPE), Mestre em Educa o pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), licenciada em Educa o Artística com Habilita o em História da Arte (UERJ) e Gradua o em Comunica o Visual (EBA/UFRJ). Pesquisadora vinculada ao Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social (LTDS) do Programa de Pós-gradua o em Engenharia de Produ o da COPPE/UFRJ. Docente do Curso Técnico em Turismo do Colégio Estadual Ant nio Prado Júnior, da Secretaria de Estado de Educa o do Rio de Janeiro. <http://lattes.cnpq.br/3569447327084693>, marisaegrejas@gmail.com.

² Postdoc em Filosofia e Doutorado em Engenharia de Produ o pela Friedrich-Alexander-Universitat-Erlangen-Nurnberg (UEN), Alemanha, Mestrado em Engenharia de Produ o pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Gradua o em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e em Ciências Econ micas pela UFRJ. Professor associado do Programa de Engenharia de Produ o e Coordenador do Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social (LTDS) do Programa de Pós-gradua o em Engenharia de Produ o da COPPE/UFRJ. <http://lattes.cnpq.br/8226406163217491>, bartholo.roberto@gmail.com.

Rio 2011 e Prioridade Rio 2014) e a aposta no diálogo com a população local como orientadora para a construção de roteiros de visitação.

2 Roteiros de visitação

O significado do termo Roteiro   impreciso. Tanto nos dicionários quanto no senso comum, assume uma variedade de sentidos que são tomados como sin nimos, como itinerário, percurso, caminho, rota ou circuito. Por sua vez, os estudos acad micos dedicados especificamente ao tema são reduzidos e, mesmo nestes, não há consenso em rela o aos conceitos que o termo arroga.

Por ser uma atividade complexa, que envolve grande número de variáveis, as publica es – nacionais ou internacionais – tratam do roteiro quase sempre pelo perfil técnico, fornecendo métodos, dicas e técnicas de composi o. Quase nunca discutem os conceitos envolvidos no ato de roteirizar.

A roteiriza o pode ser comparada com a curadoria de uma exposi o de arte, onde o curador-agente   responsável pelos meios e formas que serão articulados para alcançar o conceito geral que se deseja oferecer aos visitantes naquela oportunidade.   responsável, portanto, pelo encadeamento de elementos, predeterminando os atrativos a serem visitados, as acomoda es a serem utilizadas, os lugares para alimenta o, as formas de transporte etc.

Como nas exposi es de arte, cada elemento   uma unidade de sentido completo, entretanto, dependendo da sequência espaço-temporal,   possível construir novos sentidos semânticos para o conjunto, considerando o deslocamento do visitante no espaço, tal como palavras em uma frase (Martinez, 2007). Isso significa dizer que o entendimento do lugar e os significados subjetivos de cada elemento do roteiro sofrem varia es dependendo da presença ou ausência, da ordem em que aparecem na estrutura, do tempo de permanência em cada lugar e da importância atribuída aos atrativos no momento de sua interpreta o.

Depreende-se da  que o ato de traçar um roteiro não está isento de significados, não   id neo, nem escapa dos conflitos ou das rela es de poder locais. Ele   fruto dos posicionamentos intr secos ou das inten es subjetivas dos agentes da roteiriza o.

Pode-se dizer que um roteiro apresenta uma dimensão imaterial, referente ao processo de idealiza o, planejamento, concep o e comunica o; e outra material ou física, que se apresenta no desenho gráfico e espacial, nos ordenamentos e nas escolhas dos atrativos.

Na atualidade, em virtude do desenvolvimento tecnológico nos campos da comunica o e dos transportes, cada vez mais aumenta o número de pessoas que se aventuram a construir autonomamente roteiros de viagens para si ou para seus familiares e amigos. Há uma enorme quantidade de websites e editoras que publicam informa es sobre destinos, dicas e experiências pessoais na montagem de roteiros. Apesar das facilidades tecnológicas, há um número significativo de pessoas que prefere utilizar os serviços das

Agências de Viagens, mantendo aquecido o campo de trabalho e as oportunidades comerciais.

Na maioria dos casos, as agências de viagens comercializam pacotes prontos, já testados, procurando evitar o insucesso das escolhas mal feitas, ainda que isso venha a significar a comercialização de propostas estereotipadas. Com pouquíssimas exceções, a formulação de um roteiro é realizada pelas agências em gabinete, a partir das demandas do mercado ou da sensibilidade comercial dos operadores, utilizando os bens patrimoniais (naturais ou culturais), a cultura local e seus habitantes como recursos ou atrativos. Muito raramente as agências preocupam-se com o impacto ecológico ou cultural que a circulação de pessoas pode gerar em determinado sítio, e muito menos com a opinião de moradores, frequentadores ou trabalhadores sobre a circulação de pessoas em seu lugar de moradia ou de trabalho.

3 Revisão da literatura

No Brasil, o tema da construção de roteiros interessou a autores como Tavares (2002), Bahl (2004) e Cisne & Gastal (2009). Internacionalmente, destacam-se os autores Ramírez (2011) e Figueira (2013), além de algumas instâncias coletivas, como o Comitê Científico Internacional de Itinerários Culturais (CIIC), participante do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS) e o Centro Interamericano de Capacitação Turística (CICATUR), vinculado à Organização Mundial do Turismo (OMT).

O texto de Tavares (2002) dedicado à construção de *City Tours* é um dos pioneiros na problematização do roteiro, buscando definir tipos, nomenclaturas e componentes, aspectos operacionais, limitações e comercialização. Nele, a autora corrobora a ideia de que um roteiro não é somente uma sequência de atrativos a serem visitados, mas é também “uma importante ferramenta para a leitura da realidade existente e da situação sociocultural vigente na localidade” (Tavares, 2002, p. 14). E completa: “são uma das principais formas de contextualizar os atrativos” e potencializar seu poder de atração (p. 16).

Bahl (2004) também se dedica a traçar definições e classificações, entendendo o roteiro como um resumo do processo de ordenação, contendo as diretrizes que possibilitarão otimizar racionalmente a viagem (p. 32). Para ele, os roteiros são produtos prontos para serem comercializados, e são procurados pela facilidade que oferecem para os clientes. Nesse texto, o autor dedica-se particularmente às técnicas de organização dos roteiros.

Cisne & Gastal (2011) estudaram os aspectos da construção autônoma de roteiros a partir do Paradigma da Complexidade, de Edgar Morin, deslocando os limites espaço-temporal cartesianos pela inclusão dos aspectos subjetivos tanto dos criadores, quanto dos viajantes. Dessa forma, entendem que a construção de roteiros ocorre em três momentos: 1) a expectativa, desejos e a construção do imaginário do lugar; 2) o planejamento e a experimentação do roteiro no espaço físico; e 3) o roteiro relatado posteriormente, quer seja por fotos, texto ou simplesmente pelo bate-papo com amigos. Segundo suas visões, os

roteiros existem simultaneamente no presente, passado e futuro, de maneira não linear, dialógica e interativa.

Ramírez (2011) observa o roteiro no antagonismo entre mercado e patrimônio, corroborando a ideia de que os roteiros não são idôneos ou destituídos de interesses políticos, econômicos e sociais, mas que intencionalmente projetam os territórios para o consumo, colocando-os em posição de competição (p. 226). Segundo sua visão, os roteiros e as narrativas sobre os atrativos são construídos de maneira a ressignificarem os lugares a serem visitados, acentuando o que é turisticamente interessante, mesmo que não o sejam para a população local. Seu texto critica fortemente as normatizações da Organização Mundial do Turismo (OMT), União Européia (EU), Organização dos Estados Americanos (OEA), inclusive a Lista do Patrimônio Mundial (UNESCO), por entender que elas fomentam a criação de produtos standardizados. Chama a atenção de que na totalidade das propostas estudadas por ele, o papel das populações locais é subsidiário e passivo (p. 234).

Por sua vez, Figueira (2013) considera a roteirização como um canal da comunicação a serviço da valorização dos territórios e da apropriação turística do patrimônio (p. 20). O autor organiza didaticamente um manual de roteirização no qual apresenta uma parte dedicada à discussão mais teórica e outra mais técnica. Resolve as indefinições considerando o roteiro como uma componente descritiva que se assemelha a um “repositório de informações”, cuja finalidade é servir de base de dados para o relacionamento entre os pontos de interesse turístico, aspectos informativos, atividades e horários (p. 52-54). Assim sendo, o roteiro comunica-se por forma e conteúdo, e, segundo sua ideia, a clareza das informações é costumeiramente compreendida pelo cliente como sinônimo de qualidade e motivação para a decisão da compra (p. 22). Lamentando que o critério de construção de roteiros seja sempre o econômico – responsável por desequilíbrios regionais (p. 39) –, conclama as universidades e a população – por seu caráter científico e autêntico – para informarem o “repositório” (p. 53), mantendo-o permanentemente atualizado e partilhado, utilizando-se dos avanços tecnológicos atuais. Em seu trabalho, o autor enfatiza principalmente a visão acadêmica, apesar de reconhecer a importância das relações econômicas para o setor do turismo.

Antes mesmo da criação do Ministério do Turismo, em 2003, o Governo brasileiro vem propondo programas e ações para incentivar o desenvolvimento do turismo apostando na gestão participativa e descentralizada³. A partir de 2007, o desenvolvimento das propostas foi facilitado por manuais, cartilhas e documentos que incentivavam a congregação de diversos segmentos sociais: poder público, atores privados e sociedade organizada. No Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil (2007) fica evidente que roteirização turística é compreendida como a principal facilitadora da organização dos produtos, serviços e equipamentos das ofertas locais ou regionais. Segundo

³ A EMBRATUR e o Conselho Nacional de Turismo foram criados em 1966, a Política Nacional do Turismo (PNT) é de 1996 e o Programa Nacional de Municipalização do Turismo, que propõe claramente a descentralização da gestão e desenvolvimento do turismo, é de 1996.

seu entendimento, os roteiros conferem “realidade turística” aos processos, revelando as lacunas, as necessidades de investimento, de estrutura ou de qualificação de serviços (Brasil, 2007, p. 15)⁴.

Vale observar que, embora os programas e planos fortaleçam o protagonismo dos habitantes e a participação nas deliberações que impliquem na vida dos que serão afetados pelos roteiros, as propostas governamentais privilegiam os aspectos comerciais e mercadológicos do turismo (Brasil, 2007b, p. 18); (Cisne e Gastal, 2009).

Em 2014, o Governo Federal sancionou a Lei nº 12.974/2014 que instituiu as responsabilidades legais das Agências de Viagens e das Agências de Viagens e Turismo, atribuindo a estas a exclusividade na criação, organização e operação de roteiros, inclusive os educativos.

Apesar de compreender a importância desta Lei na proteção ao consumidor em relação à qualidade dos serviços contratados, observa-se que, ao mesmo tempo, ela segue na contramão das políticas públicas do próprio Ministério, apresentando-se como elemento desmobilizador da participação social e restringindo as opções à lógica do mercado. Desestimula, igualmente, os estudos relativos ao assunto realizados pelas universidades, bem como o auxílio de organizações não-governamentais às comunidades que se interessam pelo desenvolvimento turístico local.

4 A experiência dialogal

De 2010 a 2014, a oportunidade de execução de dois projetos de construção de roteiros proporcionou a criação de uma metodologia que visava subverter a forma tradicional de montá-los, ouvindo primeiramente os habitantes, moradores e frequentadores de sítios de interesse turístico e disponibilizando a competência técnica aos interessados. Em 2014, um novo projeto está em execução com a proposta de reaplicação desta metodologia, servindo igualmente de campo de investigação teórica.

4.1 Bases teóricas

A metodologia, batizada de Roteirização Dialogal, está fundamentada nos trabalhos de Zaoual e Buber e apresenta interfaces com a obra de Santos. Em Zaoual, apoia-se em sua teoria dos *Sítios Simbólicos de Pertencimento* (2006), segundo a qual o sítio forja e constitui o imaginário dos indivíduos ao mesmo tempo em que lhes une e lhes conferem sentido de pertencimento. Quaisquer intervenções que não considere sua mundividência, as memórias sociais e cargas afetivas dos sítios estão fadadas ao fracasso (Zaoual, 2006, p. 27 e 73). Para o autor, o lugar turístico não escapa de ser considerado um sítio de pertencimento para os habitantes, e, dessa forma, a circulação deve ser realizada de maneira respeitosa e ética. Advoga, então, pelo turismo que priorize as relações humanas de natureza simbólica em

⁴ O Ministério do Turismo define o roteiro turístico como “um itinerário caracterizado por um ou mais elementos que lhe conferem identidade, definido e estruturado para fins de planejamento, gestão, promoção e comercialização turística das localidades que formam o roteiro” (BRASIL, 2007, p. 13).

detrimento das comerciais, adotando para este tipo de turismo o título de *turismo situado* (Zaoual, 2009).

A proposta metodológica se inspira em Buber (2001) no que respeita à compreensão do diálogo como meio privilegiado para a convivência. O autor diferencia os encontros formais e institucionais daqueles em que há uma ligação profunda e significativa, de inteireza e reciprocidade. Neste último, a consciência da existência do outro seria responsável pela consideração mútua e pelo surgimento de uma ética entre dois. Tais reflexões, associadas ao turismo, conduzem ao pensamento de que o ato de visitar deve produzir mais que a circulação de pessoas, mas viabilizar, no encontro face a face, uma experiência que seja significativa para visitantes e visitados, construindo um sentido de responsabilidade mútua.

Em Santos (1996), a roteirização dialogal se apoia no seu entendimento de que o espaço não é apenas o suporte físico onde as coisas cotidianas acontecem, mas a integração dialógica entre os aspectos físicos (fixos) e as dinâmicas culturais (fluxos). Assim sendo, para o autor, um objeto geográfico é ao mesmo tempo um objeto social. Chama de fixos, o sistema de objetos, de fluxos, o sistema de ações; a esses, acresce a periodização, que faz com que as relações entre os dois primeiros se alterem a cada momento. Para ele, os sistemas são indissociáveis (Santos, 1988, p. 86), o que leva à consideração de que a paisagem e o patrimônio devem ser pensados paralelamente às condições políticas, econômicas e também culturais (p. 75). Sua obra fortalece a proposta metodológica, pois leva em conta as dinâmicas associadas à vida cotidiana que instituem novos significados aos espaços e a renegociação dos roteiros a cada nova visita.

4.2 Aportes metodológicos

A metodologia relatada aqui foi sistematizada a partir de vivências práticas e se mostrou adequada a projetos de turismo desenvolvidos em espaços cuja principal atratividade reside na característica de ser um *sítio simbólico de pertencimento* (Zaoual, 2009).

Apesar dos bons resultados apresentados até o momento, não se considera a roteirização dialogal como a melhor ou única prática aceitável para a criação de quaisquer roteiros, estando ainda em processo de investigação. Difere das outras formas de roteirizar porque considera a subjetividade dos aderentes aos sítios, procura respeitar os valores coletivos, a memória e a ética local. Entende que os moradores, trabalhadores e frequentadores devem ter privilégios na indicação dos recursos e dos percursos constantes dos roteiros, bem como as histórias a serem contadas, fugindo das narrativas dissociadas do sítio ou com significados cristalizados. Dessa forma, os valores comunitários e as relações existentes nos sítios assumem a ótica dos próprios habitantes.

O desenho dos roteiros é, portanto, definido em diálogo com as diferentes instâncias: técnico, habitantes, visitantes, lideranças, administradores, promotores em geral, visando alcançar uma experiência turística singular e significativa, afastando-se dos modelos

massificados e pasteurizados que afetam o uso saudável e ético dos sítios. Por meio do diálogo, a metodologia busca, também, viabilizar a diversidade de roteiros, em um processo dinâmico de repactuação constante e a democratização de resultados.

5 O projeto Janelas Abertas para a República

O projeto chamado Janelas Abertas para a República tem como objetivo a criação de roteiros de visitação no Campo de Santana, Centro do Rio de Janeiro, e em seu entorno, tendo a Casa Histórica de Deodoro como ponto de apoio e de saída de visitantes organizados em grupos e orientados por guias recém-formados.

5.1 O Campo de Santana

Originalmente, a região onde se encontra o Campo de Santana era um grande alagadiço entre morros e lagoas, fora dos limites da cidade. Com o crescimento e desenvolvimento da cidade, gradativamente o espaço foi sendo aterrado e ocupado. Inicialmente por escravos ou população marginalizada que utilizavam o lugar para lazer ou culto religioso. Ainda no século XVIII foram construídas duas igrejas, uma dedicada a São Domingos (desmontada em 1942 para a abertura da Av. Presidente Vargas) e outra à Santana (desmontada em 1856 para a construção da Estação Ferroviária Pedro II), ambas construídas por irmandades de escravos ou população negra. O afluxo de devotos para as festividades em devoção à Santa fez com que o espaço herdasse seu nome, que perdura até nossos dias. A chegada da Corte Portuguesa estendeu os limites da cidade iniciando o processo de urbanização da região, criando lotes, instalando um chafariz e o Quartel do Exército. No período imperial, o centro das decisões administrativas e políticas foram deslocados para o Campo de Santana, que por isso ganhou maior importância, sendo utilizado inclusive para os eventos oficiais, como as comemorações do Casamento e da Aclamação do Príncipe D. Pedro I. Com o tempo, as manifestações populares, como as rodas de capoeiras e as touradas, foram ficando mais escassas, enquanto o espaço foi sendo ocupado pelos nobres ou por edifícios oficiais. Ao final do século XIX, D. Pedro II contratou Auguste François Marie Glaziou⁵, para conceber e executar um projeto de paisagismo para o Campo. O jardim foi executado em estilo romântico inglês – com suas pontes e lagos artificiais e estátuas – permanecendo assim até hoje, com pouquíssimas alterações.

Durante esse tempo, em seu entorno foram sendo construídos edifícios que abrigam importantes instituições, como: a Casa da Moeda, que cedeu suas instalações para o atual Arquivo Nacional; o Palacete do Barão de Ubá, que serviu como Museu Nacional e na atualidade, está sendo restaurado para ser o futuro Museu e Centro Cultural da Casa da Moeda; a residência de Duque de Caxias, que na atualidade, sedia a tradicional casa de baile Gafieira Elite; o Palácio do Conde dos Arcos, onde atualmente está instalada a Faculdade de Direito da UFRJ; o Palácio Duque de Caxias e o Panteão de Duque de Caxias, que substituem

⁵ A biografia de Glaziou pode ser conhecida em <http://www.casaruibarbosa.gov.br/glaziou/biografia.htm>

o antigo quartel; a Estação Ferroviária Central do Brasil, que ocupa o lugar onde estava a igreja dedicada à Santana; a Biblioteca Estadual; a Rádio MEC; o Hospital Municipal Souza Aguiar; o Colégio Rivadávia Correa; o primeiro Jardim de Infância da cidade, o MEI Campos Salles e a Casa Histórica de Deodoro. No entorno um pouco mais alargado, ainda encontra-se o Palácio do Itamaraty, o Colégio Pedro II, o Centro Cultural da Light, o SAARA⁶, e, um pouco mais afastada, a Praça Tiradentes.

Na atualidade, o jardim é um lugar de intensa circulação de pessoas, mas também lugar de refúgio do calor e de descanso para a população que habita as ruas ou que trabalha à noite nas imediações. Nos fins de semana, o jardim é frequentado por famílias moradoras da região do centro da cidade. Diariamente, os portões do Campo de Santana são fechados às 17 horas.

5.2 A Casa Histórica de Deodoro da Fonseca (CHD)

Situada às margens do Campo de Santana, é uma edificação modesta, que ainda mantém características coloniais, com fachada estreita e terreno profundo, janelas emolduradas por granito carioca e balcão gradeado no segundo andar, cujas portas têm vista direta para as altas árvores do Campo de Santana. Desde o início do século XX, a casa pertence ao Exército brasileiro, sob os cuidados da Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural (DPHCEX). No andar térreo estão quatro espaços expositivos, e nas instalações do segundo andar, situa-se o Instituto Histórico e Geográfico do Exército.

Nessa casa morou Deodoro da Fonseca, Marechal do Exército e protagonista da Proclamação da República, que em 1889, dela saiu para guiar suas tropas no movimento de deposição do Imperador. Sua espada foi levantada em frente ao Quartel do Exército, a poucos metros da casa, onde hoje se situa o Palácio Duque de Caxias, sede do Comando Militar do Leste.

À primeira vista, a edificação apresenta poucos recursos turísticos e o acervo não possui peças de valor patrimonial excepcional que possam se transformar em atrativos. O maior valor observado foi o potencial de relação com o entorno, em especial com o Campo de Santana e seus frequentadores. Sobre essa percepção foram feitas as projeções iniciais.

5.3 Os objetivos do projeto

O projeto tem por objetivo geral contribuir para o desenvolvimento do turismo cultural no Estado do Rio de Janeiro, por meio da inserção profissional, da valorização do acervo cultural e da ampliação do acesso aos bens patrimoniais.

Conforme as indicações metodológicas, foram realizados um levantamento histórico e um inventário turístico, buscando amear dados para a fase de análise de potencial do patrimônio. Estas fases iniciais assumem grande importância no processo de roteirização

⁶O SAARA, que é um centro de compras populares é também uma área que guarda a memória de imigrantes de várias nacionalidades que chegaram naquela região há mais de cem anos. Portanto, guardiã da cultura imaterial dessas pessoas, tão presentes na nossa cidade.

dialogal por serem os primeiros momentos de encontros que propiciarão o diálogo entre as partes.

Assim, além dos dados técnicos que compõem o formulário de inventário turístico, outras questões são abordadas, tais como, a opinião dos interlocutores sobre a circulação turística no lugar, desejo de participação nas atividades que compõem os roteiros, incluindo o próprio traçado; limites e sugestões para o enriquecimento da circulação de visitantes; quais os valores identificados pelos habitantes do lugar que poderiam ou deveriam ser expostos ao público visitante; dentre outras. Vale ressaltar que as questões abordavam tanto o viés institucional como pessoal.

O projeto tem, também, como objetivo, a inserção profissional de recém-formados. Assim, os roteiros turísticos foram orientados e interpretados por Guias de Turismo formados pelo Curso Técnico em Turismo do Colégio Estadual Antônio Prado Júnior, proporcionando a estes a oportunidade de exporem suas competências e de formarem suas redes de relacionamento profissionais. Este objetivo visa repetir o sucesso alcançado no projeto similar, realizado anteriormente⁷.

Com vistas a divulgar os trabalhos e incentivar a visitação, o projeto propôs também em sua primeira ação pública, a criação de uma exposição temática de caricaturas publicadas nos jornais da época da Proclamação da República, no salão de entrada da CHD. Prevê, para a segunda e última ação pública (novembro de 2016), a criação de um webdocumentário que, inserindo a CHD no âmbito turístico do centro da cidade, contribua para a valorização dos bens culturais e para ampliação do acesso da população a este patrimônio cultural.

5.4 Aplicações da metodologia

Os contatos com as instituições locais foram iniciados pelos pesquisadores participantes do projeto, mas foram paulatinamente assumidas pelo gestor da Casa Histórica de Deodoro, que, abraçando os objetivos e a execução do projeto, atuou com protagonismo na formação da rede institucional. De fato, importava aos proponentes e à equipe de pesquisadores, que a rede institucional tomasse contornos de legado do projeto, no sentido de ser aproveitada e utilizada pelos atores locais no alcance dos objetivos próprios e coletivos, e que perdurasse como elemento integrador das instituições locais e facilitador dos diálogos para a criação de propostas para a melhoria dos problemas comunitários ou de políticas públicas. Dessa forma, o apoio do gestor da CHD foi fundamental para a consecução desses objetivos.

Além da CHD, participaram dessa rede institucional, a Fundação Parques e Jardins, o Arquivo Nacional, o Palácio Duque de Caxias e o Panteão de Duque de Caxias, a Estação Ferroviária Central do Brasil, a Biblioteca Estadual, o Colégio Rivadávia Correa, o Jardim de Infância Campos Salles, o Palácio do Itamaraty, a Administração do SAARA, a Rádio Saara e algumas casas comerciais locais, a Administração da Igreja de São Gonçalo Garcia e São

⁷ Para mais informações sobre o Projeto Palácios do Rio, ver: (Egrejas, Botelho e Bartholo, 2013), (Egrejas, Bursztyń e Bartholo, 2013) e (Botelho, Egrejas e Bartholo, 2014).

Jorge. Além dessas, foram feitas parcerias com projetos locais, como o Circuito Criativo Praça da República – Praça Onze e com o Rio 450 anos.

As entrevistas realizadas com os representantes dessas instituições forneceram dados para análise do potencial turístico da região, auxiliando na identificação das temáticas consensuais e dos pontos de ênfase para os roteiros. Estes compuseram um mapa de atrativos, sobre o qual foram traçados oito diferentes roteiros, visando vinte e quatro saídas ao longo de oito dias. A quantidade de saídas foi limitada pelo aporte financeiro concedido pela FAPERJ. Foi escolhido o período de 15 a 22 de novembro de 2015 para a primeira ação do projeto, comemorando a data da Proclamação da República e o aniversário de 450 anos da fundação da cidade do Rio de Janeiro.

Os traçados realizados pelos técnicos com base nas análises foram apresentados às instituições buscando seus pareceres, sugestões e aquiescências. Foram realizadas coletiva e individualmente, dependendo das condições apresentadas por cada instituição.

Quando foi o caso, foram organizadas suplementações internas dos roteiros externos, conjuntamente, visando o enriquecimento do roteiro oferecido ao público. Como exemplos dessa parceria podem ser citados o circuito interno de visita no Arquivo do Exército, desenhado especialmente para receber os visitantes do projeto; e a visita guiada pelos técnicos do Arquivo Nacional ao final do passeio ao redor do Campo de Santana.

Foram criados os seguintes roteiros: Roteiro Campo de Santana e Arredores; Roteiro Arquitetônico; Roteiro Gastronômico; Roteiro Lugares de Memória – Arquivo Nacional; Roteiro Lugares de Memória – Arquivo do Exército; Roteiro Presença Militar no Campo de Santana; Roteiro Campo de Santana e seus Personagens; Roteiro Patrimônio Afro-Brasileiro.

A pesquisa bibliográfica realizada na fase de levantamento possibilitou aos especialistas⁸ a composição de material textual de apoio ao trabalho dos guias de turismo, proporcionando unidade ao trabalho dos seis profissionais atuantes no projeto.

Os guias de turismo e os soldados encarregados da recepção interna na CHD participaram de treinamento que visou esclarecer os conceitos de hospitalidade desejados para o projeto e a relevância requerida para os aspectos relacionais. Visando a avaliação do trabalho realizado pelos guias de turismo, foi criada uma filipeta utilizando-se como critérios, os símbolos 😊, 😐 ou ☹️ seguidos de um campo para sugestão, a ser entregue aos visitantes ao final de cada passeio.

5.5 Resultados iniciais

Como dito anteriormente, o projeto está em curso e as resultantes são parciais. Entretanto, já é possível destacar como valores alcançados a formação de parcerias e da rede interinstitucional; a oportunidade oferecida aos cariocas e visitantes de conhecer outras histórias sobre o lugar por onde passam cotidianamente; a oportunidade de

⁸ Dentre os propositores do projeto está uma Doutora em História que, junto com uma doutoranda, se encarregou do levantamento e da composição dos textos de apoio segundo as temáticas apontadas tanto pela bibliografia, quanto aquelas surgidas a partir dos diálogos em campo.

superação das inseguranças iniciais dos recém-formados; a inserção da CHD no circuito turístico; o reconhecimento por parte do Exército do potencial turístico do bem patrimonial tombado.

Quanto aos problemas a serem superados para a segunda ação pública, foram identificados: a necessidade do investimento maior na divulgação do projeto; procurar alternativas para a circulação segura no local ou apoio policial.

Há ainda uma expectativa de criação de novas temáticas para novos roteiros, nascidas da experiência anterior, por parte dos pesquisadores, dos técnicos, das instituições e dos guias.

No intervalo das duas ações, vem sendo desenvolvida uma Tese de Doutorado cujo objeto de estudo é o Campo de Santana e a Casa Histórica de Deodoro. O trabalho reflete sobre a transformação de “lugares de passagem” e/ou subutilizados, em “lugares de pausa” e/ou de encontros, como elementos capazes de redimensionar a relação dos indivíduos – moradores e visitantes – na tessitura desses espaços/lugares (Azevedo, Mattos e Bartholo, 2015).

6 Considerações finais

O projeto aqui referido vem se apresentando como campo de investigação da metodologia sistematizada a partir de vivências práticas articuladas aos conceitos fundamentais de ética e respeito em relação aos moradores, trabalhadores e frequentadores dos sítios de interesse turístico. Entende-se que estes devem ter primazia na deliberação acerca da circulação de pessoas quando realizado de maneira comercial ou quando impactar de maneira significativa o equilíbrio sociocultural local.

Da mesma forma, busca-se trabalhar com a lógica de que os traçados dos roteiros não são isentos de significados subjetivos e, portanto, a participação e a interferência nos ordenamentos, nos tempos e nas atividades constantes dos roteiros requerem também a participação dos habitantes.

Não restam dúvidas de que esse processo é mais oneroso e demorado do que a construção de roteiros comprometida apenas com os aspectos econômico-financeiros, realizada em gabinete. Entretanto, os resultados se apresentam mais democráticos e socialmente saudáveis.

Vale ainda sublinhar que a formação profissional e a conscientização dos agentes e operadores de viagens assumem máxima importância para a construção e execução de roteiros que garantam a sustentabilidade local, os cuidados éticos com o receptivo, a satisfação dos turistas e a integração harmônica dos elementos do *trade*, para além dos objetivos comerciais de lucratividade. Mostra-se de igual importância a formação profissional de guias de turismo que se preocupem com as interferências culturais e com os legados materiais dos lugares visitados.

Referências bibliográficas

- Azevedo, A., Mattos, F. and Bartholo, R. (2015) 'Entre o espaço e o lugar: considerações sobre o Campo de Santana e a Casa de Deodoro na dinâmica cultural e turística da cidade do Rio de Janeiro', *Caderno Virtual de Turismo*, dez, pp. 251-262.
- Bahl, M. (2004) *Viagens e roteiros turísticos*, Curitiba: Protexto.
- Botelho, A.C.B., Egrejas, M. and Bartholo, R. (2014) 'A turistificação da zona portuária do Rio de Janeiro, Brasil: por um Turismo Situado no Morro da Conceição', *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, vol. 8(2), maio/ago, pp. 286-300.
- Brasil (2007) *Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil: Módulo Operacional 7*, Brasília: Ministério do Turismo, Imprensa Oficial.
- Brasil (2007b) *Programa de Regionalização do Turismo - Roteiros do Brasil : Módulo Operacional 3 Instituição da Instância de Governança Regional*, Brasília: Ministério do Turismo, Coordenação Geral de Regionalização.
- Buber, M. (2001) *Eu e Tu*, São Paulo: Centauro.
- Cisne, R.d.N.C. and Gastal, S. (2009) 'A produção acadêmica sobre Roteiro Turístico: um debate pela superação', *Anais do VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo*, São Paulo.
- Cisne, R. and Gastal, S. (2011) 'Nueva visión sobre los itinerarios turísticos. Una contribución a partir de la complejidad', *Estudios y perspectivas en Turismo*, vol. 20, pp. 1449-1463.
- Egrejas, M., Botelho, A.C.B. and Bartholo, R. (2013) 'Roteirização dialogal: a construção de uma metodologia de apoio à turistificação de bens patrimoniais', 25 a 29 novembro.
- Egrejas, M., Bursztyn, I. and Bartholo, R. (2013) 'La valoración del diálogo en la construcción e la implementación de rutas turísticas: proyectos Palácios de Rio y Central de Turismo Comunitario en la Amazonia - Brasil', *Estudios y Perspectivas en Turismo*, pp. 1160-1181.
- Figueira, L.M. (2013) *Manual para Elaboração de Roteiros de Turismo Cultural*, Tomar, Portugal: Instituto Politécnico de Tomar.
- Martinez, E.d.S. (2007) 'Textos efêmeros, leituras duradouras: a história da arte como um projeto curatorial', in RIBEIRO, M.A. and RIBEIRO, M.I.B. *Anais do XXVI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte.*, Belo Horizonte: C/Arte.
- Ramírez, J.H. (2011) 'Los caminos del patrimonio. Rutas turísticas e itinerarios culturales', *Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural.*, vol. vol. 9, no. n] 2, pp. 225-236.
- Santos, M. (1988) *Metamorfose do espaço habitado*, 6th edition, São Paulo: USP.
- Santos, M. (1996) *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, 4th edition, São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Tavares, A.d.M. (2002) *City Tour*, São Paulo: Aleph.
- Zaoual, H. (2006) *Nova economia das iniciativas sociais locais: uma introdução ao pensamento pós-global*, Rio de Janeiro: DP&A, COPPE/UFRJ.
- Zaoual, H. (2009) 'Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições?', *Caderno Virtual de Turismo*, vol. v.8, n.2, pp. 1-14.